

# Identidade em trânsito: a experiência diaspórica em *Nação crioula*

Geam Karlo Gomes

PPGLI/UEPB

E-mail: geamgomes@gmail.com

Recebido em: 05/07/2014.

Aprovado em: 16/01/2015.

**Resumo:** O mundo tem se tornado cada vez mais conexo no que concerne às fronteiras de seus países e continentes, provocando relações entre culturas eminentemente híbridas e identidades cada vez mais plurais e inconstantes. Nesse intuito, este texto busca refletir sobre a formação identitária do heterônimo coletivo Fradique Mendes e da personagem Ana Olímpia, reinventados na obra *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, do escritor José Eduardo Agualusa, em consonância com as contribuições aos Estudos Culturais desenvolvidas por Paul Gilroy e Stuart Hall.

**Palavras-chave:** Identidade. Diáspora. Atlântico negro. Estudos Culturais.

## Identity in transit: diasporic experience in *Creole Nation*

**Abstract:** The world has long become increasingly connected in designing the borders of their countries and continents, causing relations within eminently hybrid cultures and increasingly plural identities and shifting identities. With this in mind, this text seeks to reflect on the identity formation of the collective heteronym Fradique Mendes and of the character Ana Olympia, reinvented in the book "Creole Nation: the secret correspondence of Fradique Mendes," by writer José Eduardo Agualusa, in line with the contributions to Cultural Studies developed by Paul Gilroy and Stuart Hall.

**Keywords:** Identity. Diaspora. Black Atlantic. Cultural Studies.

## Introdução

Repensar a dimensão identitária requer refletir sobre cultura, raça e etnia. Essas categorias se encontram encadeadas por diversos fatores provenientes de uma história marcada pelo colonialismo, que implantou o modelo político-econômico-social escravocrata e intensificou o processo migratório. As migrações são fatores decisivos para as transformações culturais e as conexões entre os lugares fixos.

A metáfora do navio foi desenvolvida por Gilroy (2001) para ilustrar a união entre os pontos fixos do continente separados pelo mundo Atlântico que se consubstancia no movimento e na mistura dos povos escravos vindos da África para serem escravizados no Brasil. Os dias intermináveis nos porões dos navios em condições deploráveis eram o começo de uma perda que pretende ser traduzida por Gilroy pela representação do Atlântico Negro.

O sentimento de perda é um legado de sofrimento pelo deslocamento e pela inserção do sujeito num outro plano espacial. Ocorre então um processo de formação da identidade por meio da situação diaspórica. Para Stuart Hall (2003), o deslocamento e a diáspora promovem identidades múltiplas.

Nesse ponto de vista, o propósito deste texto é refletir sobre a obra de José Eduardo Agualusa, *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, publicado em 1997, apontando os sentimentos e as ações dos personagens que traduzem as experiências diaspóricas provocadas por processos migratórios e inserem na trama aceitação ou subversão as categorias de raça pura e defesa nacionalista. Trata-se de um romance epistolar que revela a situação dos negros dispersos nas memórias e nos sentimentos do viajante e colonizador Carlos Fradique Mendes e de sua amada, a ex-escrava Ana Olímpia. O primeiro é caracterizado como detentor de uma identidade ambivalente entre a afirmação da classe a qual representa e a hibridez provocada por suas constantes viagens, inclusive a paixão por uma mulher de condição social e racial distinta da sua. A segunda, sua amada, assumindo inicialmente a condição de ex-escrava, e como uma das mulheres mais ricas da Angola, volta à condição de escrava e depois atravessa o Atlântico até o Brasil.

Nesse contexto, convém explicar o plano de organização material e teórico dessa abordagem. A metodologia consistirá na reflexão do enredo e dos pontos cruciais da narrativa que evidenciarão os

fatores de formação, oscilação e transformação identitária ocasionada por migrações dos sujeitos contidos na trama; entendidos como fatores de situações diaspóricas e como formas de pensar na dimensão exterior da cultura e do território, como acentua Stuart Hall (2003). Como também, interpretar a configuração da obra em um universo espacial e temporal reinventado que, através de sua metaficção, desencadeia ideias para pensar as dimensões transcultural e transnacional, tão defendidas por Paul Gilroy (2001).

A princípio, torna-se essencial explicitar as principais teorias elencadas por Paul Gilroy e Stuart Hall no que se referem aos Estudos Culturais. A preocupação não é esboçar todas as contribuições desses grandes pensadores, do contrário, pontuar as principais teorias das quais se fazem pertinentes no diálogo com o romance de Agualusa.

## 1 O Atlântico Negro em meio à dupla consciência

Deparar-se com reflexões sobre cultura, etnia, raça, identidade, modernidade e nacionalidade remete mergulhar nas metáforas do Atlântico Negro esboçadas com muita propriedade por Paul Gilroy. Teórico dos estudos culturais, esse sociólogo trabalha na perspectiva de trocas e fluxos de estruturas transnacionais. De origem britânica, é o pioneiro nos estudos sobre raça, nação e racismo no Reino Unido e também conhecido como historiador da música do Atlântico Negro. Suas ideias mantêm diálogo com a teoria da dupla consciência elaborada por Du Bois, e por isso esse é o principal tema abordado por Gilroy.

Du Bois defende a dualidade entre a particularidade racial e os apelos modernos da transcendência à raça, discutindo a construção da identidade e plasticidade das identidades negras. Num panorama de pós-escravidão, essas ideias se combinam com a formação da transcultura negra discutida por Paul Gilroy. Transculturalidade que é capaz de unir, relacionar e combinar as experiências de negros de todo o globo. Por isso o subtítulo da sua obra: *modernidade e dupla consciência*. Toda essa situação dual provoca tensão, por isso é que Gilroy se utiliza da vida de intelectuais de identidade racial negra e produto da civilização ocidental, como Du Bois, para discutir essa ambivalência. Muitas dessas discussões são frutos de experiências de viagens e de exílio desses escritores.

Na literatura, um dos exemplos mais representativos de experiências de viagens e da própria metáfora do Atlântico Negro está na recente obra do escritor José Eduardo Agualusa: *Nação crioula* (1997), romance que se configura o foco principal desta pesquisa. Não obstante, não se pode deixar de mencionar que esse escritor contemporâneo nascido em Angola se assume em entrevistas como um ser de identidade flutuante ou sem identidade definida: “Quem eu sou ocupa muitas palavras: angolano em viagem, quase sem raça. Nasci nas terras altas. Quero morrer em Benguela, como alternativa pode ser Olinda, no Nordeste do Brasil.”<sup>1</sup>

Essa declaração remete diretamente ao que aspira Gilroy: a transculturalidade, a cultura híbrida, a transnacionalidade. Por isso a obra o *Atlântico Negro* tem como objetivo principal elaborar um relato intercultural que desmitifique a unidade nacional e a pureza racial do absolutismo étnico. Concepções essas resultantes da história da pós-escravatura e que, mesmo se apresentando em novas configurações, permanecem marcadas simbioticamente pelo

[...] simbolismo de cores que se soma ao poder cultural explícito de sua dinâmica maniqueísta central – preto e branco. Essas cores sustentam uma retórica especial que passou a ser associada a um jargão de nacionalidade e filiação nacional, bem como de jargão de ‘raça’ e identidade étnica. (GILROY, 2001, p. 340, grifo do autor).

Através desses estereótipos, o mundo presencia as consequências de sentimento do Atlântico Negro que se faz reflexo na memória dos povos, na comunicação e nos meios de acesso e produção dos bens culturais. Um jogo de exclusão étnica e de um silencioso racismo disfarçado nas hipócritas políticas econômicas, em contraversão a uma positiva busca da política cultural engajada nos direitos humanos e na igualdade. Gilroy então se utiliza dessa retórica para contestar o absolutismo étnico e ampliar os argumentos de temas gerais relacionados a essa problemática reforçando a ideia do Atlântico Negro.

Como Du Bois, Gilroy luta pela pluralidade étnica e pela soma de negros de todo planeta na busca de reconhecimento como pessoas e como agentes – atributos negados pela história e pelo racismo

---

1 Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Eduardo\\_Agualusa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Eduardo_Agualusa)>. Acesso em: 02 jan. 2014.

moderno – que buscam quebrar o mito do purismo racial e criticar o etnocentrismo a favor de uma política cultural transcultural. Para essa finalidade, toda forma de atributo ou julgamento de valor que tenha origem ao ambiente histórico-cultural e da cor da pele precisa ser desconsiderada. Para isso, se deve adotar uma política de análise político-cultural que se baseie numa perspectiva de aceitação das complexas relações do mundo moderno e suas cadeias de tensões, relações, combinações e trocas, proporcionadas pela abertura no âmbito cultural e nacional alcançadas pela nova configuração do mundo moderno.

O navio é então o modo encontrado para discutir a diáspora africana e a história do Atlântico Negro, representando as conexões e mudanças entre os diversos lugares fixos e se tornando um dos primeiros cronótopos<sup>2</sup> modernos. Essa metáfora sustenta as discussões em torno da mais forte consciência política cultural defendida por Gilroy para transcender os limites em torno de raça pura e nacionalidade fechada. Posição que busca então defender a abertura, os intercâmbios, a mistura e as trocas entre os Estados-Nação.

A noção ideológica do Atlântico Negro foi a forma encontrada para entender a cultura negra numa dimensão distinta dos paradigmas historicamente usuais de raça, etnia e nação provocados pela força do afrocentrismo, o preconceito de cor e toda forma de exílio e escravidão. Do contrário, busca escapar dessa procura essencialista e fechada e se atém a metáfora da interculturalidade e transnacionalidade possibilitadas pelas interações geopolíticas e geoculturais do Atlântico. O simbolismo do mar consegue combinar a vastidão cultural do globo e, ao mesmo tempo, remeter ao primeiro cenário de contato entre os negros recém-escravizados em rotas para as colônias.

## 2 Da diáspora para os Estudos Culturais

Atrelada às contribuições de Gilroy, encontram-se as contribuições do jamaicano de nascimento Stuart Hall, conhecido no Brasil como antropólogo e considerado um dos pais dos estudos culturais, embora se admitam que essa paternidade seja partilhada

---

<sup>2</sup> Esse conceito é a chave de acesso à análise de determinado gênero, ou seja, o universo dos acontecimentos espaço-temporais. Cf.: Bakhtin (1998; 2003; 2008).

por Richard Hoggart e Raymond Williams. Independente de quem foi o pioneiro nesse campo de pesquisa, Hall assumiu o projeto de Estudos Culturais em âmbito institucional pela Open University. (cf.: SOVIK, 2003, p. 11). Por fazer parte de um ambiente na qual cresceu e se consolidou e onde mais tarde o processo de independência se consolidou, Hall tem uma consciência aguçada das contradições por que passa uma cultura colonial, além da experiência própria de cor e integrante de classe média.

Entre os vários teóricos de que se utiliza, como Marx, Bakhtin, Althesser, Derrida, Foucault e o próprio Gilroy, também se baseia nas propriedades pós-gramscianas sobre o conceito de hegemonia. A retórica de Hall busca compor uma ideologia de cultura popular oposta às culturas dos blocos de poder; enquanto os aparelhos de coerção impõem sua dominação, ele defende projetos políticos culturais de pressão que dão origem ao deslocamento, ou seja, uma imagem proveniente da relação entre a cultura e às estruturas de poder. Dessa forma, ele defende:

Pode-se fazer pressões através de políticas culturais, em uma 'guerra de posições', mas a absorção dessas pressões pelas relações hegemônicas de poder faz com que a pressão resulte não em transformação, mas em deslocamento; da nova posição fazem-se novas pressões (SOVIK, 2003, p. 12, grifo do autor).

Esse conceito permeia todo projeto de Hall, cujo deslocamento pode ser cunhado por acontecimentos diversos, como migrações. Para se referir a esse fenômeno, esse estudioso da cultura se utiliza de um termo usado para designar as migrações e colonizações realizadas pelos gregos: a diáspora. Esse signo passa a funcionar como fenômeno relacionado a todas as migrações humanas dos ex-países coloniais para as antigas metrópoles. Essas tendências de passagem se assumem de forma ambígua e plural, uma vez que, "na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas". (HALL, 2003, p. 27).

Fundamentalmente crítico às ideias marxistas e assumindo um posicionamento que se distancia de um conceito de diáspora fechada – na qual há oposições binárias rígidas do dentro/fora –, Stuart Hall se fundamenta numa ideia de identidade cultural sincretizada, adotando a noção de *différance*, anteriormente estabelecida por Derrida. Nesse direcionamento, não há binarismos, mas lugares de passagem

posicionais, relacionais e significativos em situação de fruição em torno de um “espectro sem começo e sem fim.” (HALL, 2003, p.33).

Em conformidade com esse conceito, é aceitável que as formas de agrupamento e contato entre culturas distintas, a interação do imigrante recém-chegado ou o emigrante que regressa a sua terra natal se dão de maneira complexa. Mesmo sendo admissível que a identidade esteja ligada ao nascimento, ao parentesco, aos genes, é necessário adotar a consideração de que qualquer forma de dispersão abala a origem reconhecível do sujeito, cujo deslocamento permeia a sensação de desconforto e possibilitará a impureza, a amalgamação e variações novas. Tais combinações podem ser realizadas pela influência de ideias, de políticas, da música, do cinema e de outras artes dando origem a um cenário híbrido. E desse aparato teórico Hall se utiliza para explicar a diáspora e a sincretização da identidade cultural caribenha.

A estética de Hall é uma contribuição valiosa no sentido de fomentar uma rede de concepções teóricas fundamentais em favor do rompimento de formas puras e a construção de identidades cada vez mais diaspóricas, fatores que se presenciam no contexto hodierno da modernidade tardia ou pós-modernidade. A ideia é que os compostos híbridos sejam cada vez mais capazes de vencer as forças hegemônicas de coibição do pluralismo e remetam à defesa de sociedades étnicas mistas no sentido mais essencial do multiculturalismo.

### **3 Fradique Mendes: identidade em trânsito**

O romance epistolar do angolano José Eduardo Agualusa narra a história de Carlos Fradique Mendes, personagem poeta português, tomado emprestado dos intelectuais portugueses, como Eça de Queiroz, Antero de Quental e Ramalho Ortigão. Trata-se então de um pseudônimo coletivo que esconde identidades ao assinar muitos dos folhetins da época desses autores dos quais se torna porta-voz, fazendo assim parte de muitos momentos históricos.

Ressurgido por meio da obra de Agualusa, Fradique é um sujeito que busca emoções, procura entender novas culturas e transcende não só as fronteiras geográficas, mas também ultrapassa os universos diegéticos. Ele presencia e reflete sobre os acontecimentos do século XIX: o colonialismo em Angola, a escravidão no Brasil e o tráfico negreiro entre esses países.

Arelado a esses fatos, Fradique ainda nutre um amor por uma ex-escrava angolana, Ana Olímpia, personagem muito citada nos seus desabafos com sua madrinha Madame Jourre, a quem são endereçadas a maioria das suas e vinte seis cartas. Embora português de vanguarda, de inclinação para as Ciências e descontente com o movimento político colonialista, Fradique se mostra ainda ambivalente sobre o modo de produção escravocrata. Um personagem criado em pleno trânsito, num panorama de recém-abolição da escravatura e de forças de esquerda em prol do fim do paradigma colonial.

A obra pode ser lida através da metáfora do Atlântico Negro ao abordar a problemática da construção da identidade do herói itinerante e da flexibilidade entre fronteiras. O romance de Agualusa traz então várias cartas nas quais relata várias de suas viagens. O personagem se torna a metáfora viva do Atlântico e da diáspora. Suas cartas são testemunho claro da busca por novos costumes, hábitos e novos horizontes. Recebendo de um amigo, Alexandre, um convite ao Brasil, não esquiva:

‘[...] é uma oportunidade para estudar o Brasil verídico, autêntico, o Brasil brasileiro, e não este que por aqui se entedia, envergonhado da sua natureza e tentando estupidamente transformar-se num país europeu’.

Ocorreu-me pela primeira vez a ideia de que poderia instalar-me num lugar assim, realmente longe do fragor do mundo, vendo pouco a pouco a terra a desdobrar-se em frutos, acompanhando ao crepúsculo o canto dos negros em volta das fogueiras, caçando e pescando, bebendo da água fresca dos riachos, comendo o feijão preto e a carne seca, a tapioca, as mangas e as bananas do meu pomar. (p.77).<sup>3</sup>

A busca incessante de se aventurar no Brasil é ir além do que o país representa para outras nações. Enveredar pelas terras brasileiras é diferente de conhecer os livros por meio da literatura, dos livros de história, da geografia, da antropologia e da sociologia. O desejo de Fradique é desmistificar um Brasil além da ótica do modelo eurocêntrico, ou seja, um Brasil múltiplo. A poética do Atlântico Negro assume essa postura transcultural, sem medo de se instalar

---

3 As referências do romance em análise (AGUALUSA, 2010) serão indicadas no corpo do texto apenas com os números das páginas.

numa terra estranha, na busca de sentir-se parte de um novo cronótopo, contemplando de perto as riquezas e belezas de cada lugar e concomitantemente fazendo parte dele.

O espaço diegético da obra é dessa forma múltiplo. Todavia, apresenta características comuns. Trata-se de Brasil, Angola e Portugal. Os primeiros eram colônias portuguesas nas quais foram implantados o modelo de escravatura e o tráfico negreiro, o que deu origem a uma língua comum. Nos dizeres de Glissant (2005), a situação de Angola e do Brasil se apresenta historicamente como culturas compósitas, frutos de trocas entre as diversas culturas atávicas que preexistiam em cada lugar.

Esses países ainda perpassavam situações bem distintas do século XIX: o Brasil acabava de conquistar a independência e o fim da escravatura; Portugal queria sustentar o modelo de colonialismo em Angola como forma de assegurar sua economia; e Angola, apesar da abolição da escravatura, ainda seguia esse modelo. São nesses cenários distintos onde acontece a narrativa reinventada de Eduardo Agualusa, tendo como personagem central um viajante intelectual português, ressurgido da obra de Eça de Queiroz como projeto de reconstrução capaz de se opor ao pensamento europeu do século XIX. Por meio de uma voz hierarquicamente superior, a narrativa busca esvaziar a contaminação eurocêntrica, dando relevância cultural e material a distintos cenários.

Uma das cartas consideradas de maior relevância para essa análise é datada de maio de 1877, direcionada a Eça de Queiroz e assinada por Fradique Mendes. Nela, um episódio bastante significativo é narrado:

Houve a semana passada grande festa na minha propriedade. Decidi conceder carta de alforria a todos os trabalhadores de engenho, o que serviu de pretexto a uma alegre manifestação emancipadora [...] Os trabalhadores optaram, na maioria, por permanecer ao meu serviço, pagando-lhes eu o mesmo que nas províncias do Sul se paga aos colonos europeus, responsabilizando-me pela saúde de todos e a educação dos filhos. [...]

Um dos poucos homens que não quis ficar foi Cornélio, o velho hausa de quem lhe falei em carta anterior: veio tear comigo muito sério, com o antigo orgulho de raça, explicando que pretendia regressar à África, e visitar a Meca, e depois morrer. 'Ávida de um escravo', disse-me 'é uma casa com muitas janelas e nenhuma porta. A vida de um homem livre é uma casa com muitas portas e nenhuma janela.' (p. 91).

A libertação dos escravos traz uma situação binária: uma maioria que resolve continuar no território prestando serviço ao senhor de engenho e dando continuidade ao paradigma trazido pela colonização; e Cornélio, que pretende regressar a sua terra natal. Os primeiros fazem parte da metáfora do Atlântico Negro, refletidos pela influência transcultural e transnacional. O segundo não nega a sua raiz. Apesar de toda a situação diaspórica, o ex-escravo pretende regressar à África. Essas tensões opostas podem se associadas à dualidade de consciência elaborada por Du Bois e tomada de empréstimo por Gilroy, na metáfora do Atlântico Negro. Enquanto há manifestações de fluxos e trocas culturais, há também a intensa carga da particularidade racial herdada dos antepassados, ou seja, o “orgulho de raça”.

Por outro lado, a reflexão de Cornélio sobre o homem livre (casa com muitas portas) e o escravo (casas com muitas janelas) é uma metáfora que busca traduzir a ambivalência entre a utopia latente de seguir seu destino e sua liberdade, *versus* o lugar seguro, acentuado pela proteção, por um lar e pela provisão de alimento. Diante da decisão de partida, outra personagem ex-escrava ganha voz: “Ana Olímpia ainda tentou persuadi-lo [...] ‘Já ninguém se lembra de si’. O velho encolheu os ombros: ‘Não vou á procura dos outros’, respondeu, ‘vou à procura de mim’” (p. 91).

Essa proposição pode ser comparada à entrevista realizada por Mary Chamberlain, no livro *Narratives of exile and return*, sobre a história dos imigrantes barbadianos para o Reino Unido. Na abordagem da dificuldade sentida pelos que regressam as suas sociedades de origem, nota-se que:

Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se acomodado, muitos sentem que a ‘terra’ tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente. (HALL, 2003, p. 27, grifo do autor).

Ainda que em vivências de situações de culturais híbridas, o sujeito se torna vulnerável a choques provenientes do tempo histórico inicial de formação da identidade e aos novos posicionamentos diaspóricos. Mesmo nesses casos, a cultura de origem exerce forte

poder sobre o indivíduo. Isso também foi percebido por Eça de Queiroz, personagem de *Agualusa*, ao regressar de um exílio de quatro anos. Após a experiência diaspórica, Eça e Fradique reencontram a terra natal:

[...] o meu amigo veio a Lisboa à procura de Portugal. Não encontrou sinais de heroica pátria de Camões nem no Rossio nem no Chiado, e então, quase descrente, da Mouraria e da taverna. Fomos os dois, e ali encontramos realmente Portugal, sentado entre vadios e varinas, cantando o fado, cheirando brutalmente o alho e a suor. Veio o bacalhau, esplêndido, com o grão-de-bico, os pimentos, a salsa fresca, e nós calámo-nos para celebrar tão grande momento. (p. 107).

O reencontro com o local de origem é acentuado pelo reconhecimento de aspectos culturais marcantes na identidade. Na passagem acima, tanto a culinária, os costumes, a moda e a literatura acentuam a identificação com o local que se torna único, embora mantenha identificação com outros lugares. É nos espaços distintos e múltiplos que aflora a identidade híbrida de Fradique: cosmopolita, desterritorializado e de experiências em trânsito; o que o torna um ser de identidade multifacetada e polissêmica e de nacionalidade heterogênea e incerta.

#### **4 Ana Olímpia: da dupla consciência à experiência diaspórica**

*Nação crioula* não se torna uma reconstituição dos acontecimentos passados, mas uma história do que poderia ter acontecido, ou seja, uma releitura da historiografia remetida numa crítica profunda da realidade tratada e configurada numa metaficção. Isso se confirma pela presença de personagens históricos e datas simbólicas, além de mecanismos paródicos pela relação intertextual com *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz. O marco histórico inicial é 1868 (ano em que o Marquês de Sá decretou a abolição da escravatura) e 1888 (ano da abolição da escravatura no Brasil). A delimitação é também a data da primeira e da última carta de Fradique, já que após a sua morte, a carta de 1900 é escrita por Ana Olímpia.

O artifício do autor pode acentuar a visão de que a voz da narrativa simbólica literária foi durante muito tempo da história narrada por

poetas que, embora estivesse mergulhada na situação de opressão dos escravos, não pertencia a essa categoria. Ana Olímpia é a ex-escrava que ganha voz narrativa no romance exatamente após a abolição da escravatura. O romance finaliza então com o grito de voz dos oprimidos do passado que lutam pelo direito de igualdade e de oportunidade, cuja coloração da pele não representa capacidade intelectual. É a esperança trazida não mais pelo colonizador (Fradique), mas pelo colonizado. A vez de Ana Olímpia ainda representa o fim das ideias que encaram o negro como um ser intermediário entre o homem e um animal.

Contudo, a identidade da personagem não é estática, mas acompanha o trânsito das situações-limite que teve que enfrentar. Assim, Ana Olímpia testifica em sua carta, numa linguagem clara, em idioma padrão e numa reflexão indiscutivelmente inteligível; o que desmistifica os preconceitos a ela atribuídos como ex-escrava e de cor. Sua carta relata muito bem a mistura entre personagens de distintos cronótopos. Contudo, presencia-se uma contradição na visão de Olímpia quanto à escravidão. Essa postura é questionada por Fradique Mendes:

Um dia Fradique perguntou-me por que é que eu não libertava os meus escravos. Expliquei-lhe que haviam sido criados comigo, debaixo do mesmo tecto, e que eu me sentia ligada a eles como se fosse minha própria família; [...] Citei-lhe a Bíblia: ‘Pode acontecer que o escravo te diga, ‘Não quero deixar-te’, porque sentindo-se feliz em tua casa ele se apegou a ti e à tua família, então tomarás uma punção, furar-lhe-ás a orelha junto à porta e será teu escravo para sempre’ (Dt. 15) (p. 150).

Olímpia oscila entre sua consciência de liberdade e sua amizade com seus escravos. Essa consciência é contradita por Fradique: “[...] uma pedra debaixo da água não sabe que está a chover” (p.150); reforçando a dualidade de consciência que logo após é percebida por Ana Olímpia:

O escravo da cidade, regra geral, ignora o que significa ser escravo, ou, pelo menos, não se demora a construir filosofias a tal propósito. Trabalha, porque é obrigado, come, bebe e dorme. Eu só soube o que era não ser livre, quando, depois de ter sido senhora de escravos, regresssei (da forma mais brutal) àquela condição (p. 150).

A situação de oscilação entre posições de classe tornou possível para Ana compreender a oposição dual da dupla consciência entre a defesa do regime colonial escravocrata e sua anterior posição social, todo o

simbolismo de cores que perpetua o absolutismo étnico e a pureza racial. De viúva de um grande proprietário de escravos – Victorino –, voltou à escrava e humilhada pela senhora horripilante Gabriela Santamarinha. De senhora respeitada e recebida no palácio, Ana regrediu ao pesadelo de se tornar novamente escrava, prisioneira e testemunha de açoites.

Ana Olímpia transparece em sua carta a Eça de Queiroz todo sentimento de sofrimento do escravo. Percebe-se toda a metáfora do Atlântico Negro em seus sentimentos de perda e exílio provocados pelas viagens no navio, Nação Crioula, e de sua experiência diaspórica no Brasil, através da metaficção de Agualusa:

Muita gente não compreende porque é que os escravos, na sua maioria, se conformam com a sua condição uma vez chegados à América ou ao Brasil. Eu também não compreendia. Hoje compreendo. No navio em que fugimos de Angola, o Nação Crioula, conheci um velho que afirmava ter sido amigo de meu pai. Ele recordou-me que na nossa língua (e em quase todas as outras línguas da África Ocidental) o mar tem o mesmo nome que a morte: Calunga. Para a maior parte dos escravos, portanto, aquela jornada era uma passagem através da morte. A vida que deixavam em África, era a Vida; a que encontravam na América ou no Brasil, um renascimento. Para mim também foi assim. Em Pernambuco, e depois na Bahia, reencarnei pouco a pouco numa outra mulher. Às vezes vinha-me a memória a imagem de um rosto, a figura de alguém que eu tinha amado e que ficara em Luanda, e eu não conseguia dar-lhe um nome. Pensava nos meus amigos como personagens de um livro que houvesse lido. Angola era uma doença íntima, uma dor vaga, indefinida, latejando, num canto remoto da minha alma (p. 155-156).

O deslocamento provocado pelo processo migratório do modelo colonial escravocrata provoca a morte metafórica traduzida pela língua como “calunga”. O navio é o símbolo de morte na dispersão do atlântico que reúne um conjunto de negros em sentimentos de perdas. A chegada aos países colonizados da América simboliza o renascimento, ou seja, a diáspora que permite a Ana Olímpia reconhecer-se com outra identidade, resultando do contato com outros cronótopos: Pernambuco e Bahia nos tempos prematuros da pós-escravidão. A nostalgia da terra de origem vem em forma como uma enfermidade que a consome no íntimo da alma.

Em trechos posteriores da mesma carta, a nova identidade de Ana Olímpia é novamente transcendida pelo nascimento de sua filha:

Quando nasceu Sophia eu já me sentia brasileira; porém, sempre que ouvia alguém cantar os singelos versos do mulato António Gonçalves Dias chorando saudades do Brasil – ‘Minha terra tem palmeiras/ onde canta o sabiá / as aves que aqui gorjeiam / não gorjeiam como lá’ –, sempre que isso acontecia era em Angola que eu pensava: ‘Minha terra tem primores/ que tais não encontro cá/ Não permita Deus que eu morra / sem que eu volte para lá.’ em 1889, poucos meses após a morte de Fradique, ouvi de novo alguém cantar estes versos e compreendi que tinha de regressar a Luanda. [...] Gonçalves Dias, como certamente V. sabe, desapareceu na viagem de regresso ao Brasil, quando o vapor em que seguia o *Ville de Boulogne*, naufragou em pleno Atlântico. [...] o meu navio resistiu; em contrapartida encontrei Angola à beira do naufrágio. A extinção total da condição servil nas colónias portuguesas, e depois a proclamação da Lei Áurea, no Brasil, prejudicou as velhas famílias. A maior parte dos meus amigos recebeu-me com estranheza. Não compreendiam (ainda não compreendia) a razão do meu regresso (p.156-157).

Nessa situação, a dualidade é decorrente da nova postura transcultural e transnacional em contraposição a unidade nacional. As lembranças da terra natal que se traduzem majestosamente pelo eterno poema de Gonçalves Dias reforçam a hibridiz cultural que se manifesta numa identidade cada vez mais plural, numa sincretização da cultura diaspórica e da cultura de origem.

O ano da morte de Fradique coincide com o ano da Proclamação da República no Brasil, antecedida pela Lei Áurea, que aboliu a escravatura. A visão de Ana Olímpia, apesar de ex-escrava, ainda pertencia aos ideais do modelo colonizador. Sua posição deixa evidente sua preocupação com o fim do modelo servil que lhe beneficiava. A incompreensão de seus amigos diante de seu regresso pode ser explicada na situação assumida nesse contexto em Angola. País que, devido ao fim do modelo colonizador no Brasil, passou a ser a principal forma de atuação colonizadora por parte de Portugal.

Analogicamente, a metáfora do naufrágio a qual passava esse país é a forma de entender todos os negros dispersos nos dois lados do Atlântico. No Brasil, presenciavam-se os recém-libertos com identidades cada vez mais sincréticas e em situação de fruição; provocada pela situação diaspórica dos lugares de passagem posicionais, relacionais e significativos que pode ser explicada pela *différance* derridariana. Em Angola, os negros sofrem a oposição binária do dentro/fora em relação ao direito à liberdade e a condição de igualdade racial, víti-

mas de um sistema opressor e desumano. Em suma, pode-se ler uma metaficção agualusiana de cronótopos que atravessam constantes transformações em função de um conjunto de relação, significados e choques provenientes do tempo histórico re-presentado.

## Considerações finais

Nas óticas dos Estudos Culturais, as estéticas de Hall e de Gilroy se complementam no sentido de que os ideais do Atlântico negro e os fenômenos da transculturalidade e da transnacionalidade se materializam nas diversas situações diaspóricas. A identidade é vista então como um espectro em fruição em contado com as passagens significativamente relacionais.

No romance *Nação crioula*, percebe-se toda ambivalência do simbolismo do purismo racial e do nacionalismo essencialista. As oscilações em torno desses aspectos são consubstanciadas nos discursos epistolares dos personagens Fradique Mendes e Ana Olímpia. Ambos são personagens criados, ou melhor, recriados, no caso de Fradique, como representação ficcional de um cronótopo fortemente significativo na história dos países colonizados como Brasil e Angola.

Embora muitos dos trabalhos sobre o romance de Agualusa se detenham nas viagens de Fradique Mendes e em sua identidade, omite-se a forte relevância da experiência dual de consciência protagonizada por Ana Olímpia e sua situação diaspórica. Fradique é o herói itinerante que, em situação cosmopolita, traduz a essência da identidade híbrida do sujeito proveniente das situações diaspóricas. Sua história, como afirma Ana Olímpia, não nos pertence. E as “suas cartas podem ser lidas como os capítulos de um inesgotável romance, ou de vários romances, e, nessa perspectiva, são pertença da humanidade” (p. 134). Quanto a Ana – embora seja protagonista de apenas uma das vinte seis cartas – é traduzida não só na última, mas também no próprio discurso de Fradique, evidenciando-se como uma identidade diaspórica que está em contraste ao saudosismo de sua antiga pátria.

A fabricação das identidades desses personagens reflete significativamente o contexto histórico metaficcionalizado, o que possibilita então vários encontros da obra com as estéticas dos Estudos Culturais. Isso reforça a ideia de que a literatura, através dos seus nexos com os vários cronótopos da ficção, vem fomentando um universo rico para esse campo de pesquisa.

## Referências

AGUALUSA, J. E. **Nação crioula**: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Lisboa: Dom Quixote, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1998.

GILROY, P. **O Atlântico negro**. Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

QUEIROZ, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Lisboa: Livros do Brasil, 1999.

SOVIK, L. Apresentação. In: HALL, S. **Da diáspora – identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.